
Capítulo 3

O jantar

Helena não tirou os olhos de Dante por alguns segundos.

O corredor estreito, a porta aberta, o retrato atrás dela, o cheiro antigo daquele cômodo escondido. Tudo parecia suspenso num instante que não cabia em explicação simples. E o pior era justamente isso: Dante não parecia surpreso por encontrá-la ali.

Parecia decepcionado por ela ter sido rápida demais.

- Quem era ela? - Helena repetiu, sem abaixar a voz.

Dante a observou como se calculasse quantas respostas podia lhe dar sem perder o controle da situação.

- Não aqui.
- Você me entrega uma chave, me dá acesso a um quarto escondido, me diz que posso morrer nesta casa e agora quer escolher o lugar da conversa?
- Sim.

A resposta veio seca, limpa, sem culpa.

Helena sentiu a raiva subir de forma quase agradável. Raiva era melhor do que medo. Raiva organizava.

- Então o senhor tem um talento admirável para criar problemas e depois exigir calma.

Dante se aproximou um passo. Não o suficiente para intimidá-la fisicamente, mas o bastante para tornar o espaço menor.

- E você tem um talento ainda mais perigoso para abrir a porta errada cedo demais.
- Errada? Foi você quem me deu a chave.
- Eu lhe dei uma escolha.
- Não. Você me deu uma provocação.

Por um instante, algo parecido com aprovação brilhou nos olhos dele. Coisa rápida, irritante.

- Também.

Helena respirou fundo. Não queria parecer abalada. Não na frente dele.

- Eu quero o nome dela.

Dante desviou os olhos para o retrato.

- Não use essa pergunta no jantar.
- Isso não responde nada.
- Responde mais do que você imagina.
- Você acha que pode me conduzir como se eu fosse uma peça dócil nessa casa?
- Nesta casa, Helena, todo mundo já é uma peça. A diferença é que alguns descobriram tarde demais.

Ela fechou a mão em torno da chave.

- E eu sou o quê?
- Ainda estou decidindo.

Aquilo deveria tê-la humilhado. Em vez disso, só a deixou mais determinada a arrancar respostas dele até a última camada de verniz.

Dante estendeu a mão.

- A chave.

Helena não entregou.

- Não.
- Isso não é um pedido.
- Ótimo. Porque a resposta continua sendo não.

O silêncio entre os dois mudou de temperatura. Não era apenas tensão. Era teste. Medida. Reconhecimento de força.

Dante baixou a mão lentamente.

- Então esconda bem.
- Eu escondo melhor as coisas do que você imagina.
- É isso que me preocupa.

Ele estendeu o braço e, com um movimento calmo, empurrou a porta escondida até fechá-la outra vez. Depois tocou a lateral do painel, e a passagem se encaixou na parede como se nunca tivesse existido. O corredor voltou a parecer apenas um corredor. Limpo, elegante, mentiroso.

Dante olhou para o relógio de pulso.

- Você tem dez minutos para descer.
- E se eu não quiser jantar?

- Eles interpretariam como fraqueza.
- E se eu quiser que interpretem assim?
- Você não quer.

Helena odiou perceber que ele estava certo.

Dante fez menção de sair, mas parou.

- Uma última coisa.
- O quê?
- Não demonstre que viu aquele retrato.
- Você está me dando ordens de novo.
- Estou tentando mantê-la viva até a sobremesa.

E foi embora.

Helena ficou sozinha no corredor por mais alguns segundos, o coração ainda acelerado, os pensamentos se reorganizando como peças derrubadas no chão. Havia pânico suficiente para qualquer pessoa sensata pedir um carro, atravessar o portão e nunca mais olhar para trás.

Mas já não era tão simples.

A dívida. A casa da mãe. O contrato. O retrato. O medalhão. A mulher morta que desaparecera dos registros. E aquela frase.

Há pessoas nesta casa que vão sorrir para você no jantar... e pensar em como seria mais seguro vê-la morta.

Helena voltou ao quarto com passos medidos.

Fechou a porta, foi até a penteadeira e encarou o próprio reflexo por alguns instantes. Seu rosto estava mais pálido, mas os olhos seguiam firmes. Não queria se transformar numa mulher assustada no primeiro dia. Aquela casa parecia se alimentar disso.

Abriu o armário e escolheu o vestido azul-escuro que havia encontrado antes. Simples, elegante, fechado no colo. Não pisaria no salão como intrusa enfeitada nem como menina acuada. Iria como alguém que, apesar de tudo, ainda sabia ocupar espaço.

Prendeu o cabelo com cuidado, deixando apenas algumas mechas soltas nas laterais. Nenhuma joia além de pequenos brincos discretos. Nada que chamasse atenção. Nada que pedisse aprovação.

Quando bateram à porta de novo, ela já estava pronta.

Desta vez era o mesmo homem de terno preto do hall.

- Senhora Vasconcellos, a família aguarda.

A nova forma de tratamento a atravessou como uma roupa apertada.

- Estou indo.

Ele conduziu Helena por escadas diferentes das anteriores, atravessando uma ala mais iluminada da mansão. O som de vozes surgiu antes da sala de jantar. Baixas, refinadas, controladas. Até o tom das conversas parecia obedecer a etiqueta e ameaça em partes iguais.

As portas duplas foram abertas.

A sala de jantar era longa, de teto alto, lustre central e mesa suficiente para doze pessoas. Prataria impecável, velas discretas, porcelana fina. Nenhum exagero cafona. Tudo ali tinha o tipo de riqueza que não precisa provar nada para ninguém porque já está acostumada a vencer.

Os presentes se levantaram quando Helena entrou.

Ou, ao menos, a maioria.

Constança estava à cabeceira, impecável como antes. À direita dela, um homem de uns sessenta anos, cabelos prateados, expressão austera e olhos pequenos demais para o rosto largo. Devia ser o patriarca, ou algo pior: alguém que ainda não aceitara deixar de ser.

Mais adiante, uma mulher loira de beleza polida e sorriso decorativo, provavelmente esposa de algum filho. Ao lado dela, um rapaz bonito demais para inspirar confiança, de trinta e poucos anos, ar displicente e copo já na mão antes mesmo de o jantar começar. E, no extremo oposto, um homem mais jovem, escuro, elegante, com o olhar afiado de quem passa o tempo observando em silêncio e usando isso depois.

Dante entrou logo atrás dela.

- Helena, sente-se aqui - disse Constança, indicando a cadeira à direita de Dante.

Então era esse o plano. Exibi-la onde todos pudessem avaliá-la melhor.

Helena agradeceu com um gesto breve e se sentou.

O homem de cabelos prateados foi o primeiro a falar.

- Então esta é a nova senhora Vasconcellos.

A voz dele era pesada, arrastada, como se até a cordialidade exigisse esforço.

- Helena Duarte - corrigiu ela, antes de pensar demais. - Por enquanto, ainda estou me acostumando.

Um ruído discreto percorreu a mesa. Nada explícito. Só aquela reação mínima que famílias ricas cultivam como arma social.

Constança sorriu.

- Natural. Grandes mudanças exigem adaptação.

O homem mais jovem, de olhar afiado, inclinou a cabeça.

- Lorenzo Vasconcellos - apresentou-se. - Primo.

Primo. A palavra saiu simples demais.

A mulher loira sorriu em seguida.

- Teresa. Seja bem-vinda.

O rapaz do copo ergueu a taça um pouco.

- Álvaro. Não ligue para o clima. Nesta casa, cordialidade é um esporte praticado com preguiça.

Constança lançou um olhar cortante na direção dele.

- Álvaro.
- Só estou tentando ajudar a moça a não criar expectativas irreais, tia.

Helena notou. **Tia.** Então Constança não era mãe de todos ali. A árvore daquela família provavelmente era um ninho de serpentes com sobrenome composto.

O homem de cabelos prateados apoiou as mãos sobre a mesa.

- Sou Augusto Vasconcellos.

Ele não disse mais nada. Não precisava. O nome foi oferecido como se bastasse.

Os empregados começaram a servir a entrada em silêncio quase militar.

Helena pegou o guardanapo e o colocou sobre o colo, observando sem parecer observar. Dante falava pouco. Constança controlava o ritmo da mesa com a simples presença. Teresa sorria sempre um segundo além do natural. Álvaro parecia viver entre tédio e desprezo. Lorenzo, não. Lorenzo era o mais perigoso até ali.

Porque era o único que não desperdiçava movimento.

- Ouvi dizer que a senhorita vem de uma família muito respeitável - disse Teresa, com delicadeza estudada.

Helena virou o rosto para ela.

- Minha família sempre fez o que pôde com o que tinha.

- Isso costuma dizer bastante sobre o caráter.
- Ou sobre a falta de opções - comentou Álvaro, antes de beber mais um gole.

Augusto bateu levemente os dedos na mesa.

- Já basta.

O primeiro prato foi servido: algo delicado demais para alimentar de verdade. Helena mal tocou na comida. Não por nervosismo, mas porque queria manter a cabeça limpa.

Constança voltou-se a ela com aparente gentileza.

- Helena, diga-nos. Como conheceu Dante?

A pergunta caiu na mesa como faca embrulhada em seda.

Helena olhou de relance para o marido recém-adquirido. Ele manteve a expressão neutra, como se a resposta não lhe dissesse respeito.

Então era isso. Iriam testá-la publicamente.

- Conhecer é uma palavra generosa - respondeu Helena. - Recebi uma proposta. Analisei. Aceitei.

Álvaro soltou uma risada curta.

- Honesta. Milagre.

Constança ignorou o comentário.

- Sem romantismo, então?
- Romantismo costuma visitar pessoas com mais tempo que juízo.

Desta vez foi Lorenzo quem sorriu. Quase nada. Mas sorriu.

- Gostei dela - disse ele, cortando a carne com calma. - Tem respostas limpas.

Helena percebeu Augusto olhando para Dante. Pequeno gesto, grande significado. Como se quisesse medir se o filho, sobrinho ou o diabo que fosse estava satisfeito com a escolha.

Dante apenas continuou comendo.

A conversa derivou para negócios, eventos sociais, nomes que Helena não conhecia e não fazia questão de conhecer. Ainda assim, ela reparava em tudo. Quem interrompia quem. Quem evitava citar certos assuntos. Quem olhava para Dante antes de concluir uma frase. A família parecia unida como um vitral. Bonita de longe. Cheia de rachaduras de perto.

Foi no meio do prato principal que aconteceu.

Teresa comentou algo banal sobre a ala antiga da casa estar fechada para reforma.

Álvaro, já menos contido pelo vinho, revirou os olhos.

- Reforma. Chamam de reforma agora?

Constança pousou os talheres.

- Álvaro.
- O quê? Não falei nada indecente.
- Ainda.

Helena manteve a atenção no prato.

Mas Lorenzo, do outro lado da mesa, a observava.

- Você já conheceu o resto da mansão, Helena? - perguntou ele.

A pergunta era simples demais para ser inocente.

- Ainda não.
- Nem a ala oeste?

Dante ergueu os olhos.

Um segundo. Só isso.

Lorenzo viu.

Helena também.

- Não tive tempo - respondeu ela, com o tom mais neutro que conseguiu.
- Melhor assim - disse Augusto, pela primeira vez entrando no assunto com real interesse.
- Há partes da casa que não têm utilidade.

Álvaro apoiou o cotovelo na mesa, ignorando a reprovação geral.

- Engraçado como “não têm utilidade” sempre significa “há cadáveres emocionais enterrados ali”.
- Chega - disse Constança, agora sem verniz.

O silêncio que veio foi tão abrupto que até os empregados reduziram os movimentos.

Teresa tentou remendar.

- Álvaro bebe quando está nervoso.
- E vocês mentem quando estão sóbrios - respondeu ele.

Augusto largou os talheres.

- Retire-se, se não sabe se portar.

Álvaro sorriu daquele jeito que homens mimados usam quando querem provar que desprezam a própria família mais do que são desprezados por ela.

- Com prazer.

Ele se levantou, ajeitou o paletó e passou atrás das cadeiras até parar perto de Helena.

Por um instante, inclinou-se levemente na direção dela, como se fosse desejar boa noite.

Mas falou baixo o bastante para só ela ouvir:

- Você tem o rosto dela. Isso deixou todo mundo mais feio hoje.

Helena virou a cabeça num reflexo.

Álvaro já estava se afastando.

O sangue dela esfriou na hora.

Constança o chamou pelo nome, dura, mas tarde demais. A frase já tinha sido entregue.

Helena levantou os olhos devagar.

A mesa inteira parecia igual.

Só parecia.

Porque agora Augusto estava rígido demais. Teresa havia perdido o sorriso. Lorenzo olhava para o vinho, mas escutava tudo. E Dante... Dante estava olhando para Álvaro sair como quem considera se vale a pena impedir alguém de continuar vivo.

Helena apoiou o guardanapo ao lado do prato.

- “Ela” quem?

Nenhuma resposta.

Ninguém sequer fingiu não entender.

Constança foi a primeira a recobrar a compostura.

- Álvaro costuma se divertir com ambiguidades vulgares.
- Não me pareceu diversão.
- Talvez porque ainda não conheça esta família.

- Talvez porque eu esteja começando a conhecê-la rápido demais.

Augusto limpou a boca com o guardanapo antes de falar.

- Há nomes que não circulam nesta mesa.
- Então existe um nome.

Dante finalmente pousou os talheres.

- Helena.

Ela se voltou para ele.

- Não.

A palavra saiu antes que qualquer prudência pudesse contê-la.

Constança endureceu.

- Minha cara, há assuntos que não lhe competem.

Helena sustentou o olhar dela.

- Curioso. Porque desde que entrei nesta casa, tudo o que não me explicam parece envolver meu rosto, meu nome ou minha presença.

Lorenzo ergueu a taça, observando-a por cima do vidro.

- Talvez seja justamente por isso que não explicam.

Teresa sussurrou:

- Lorenzo...

Mas ele continuou, com voz calma.

- Às vezes, quando algo retorna com feições familiares, a reação mais sensata não é falar. É calcular o estrago.

Helena sentiu o corpo inteiro entrar num estado de alerta quieto. Não histeria. Não medo aberto. Só aquela sensação precisa de que o chão ainda estava inteiro, mas já começava a ceder por baixo.

- Quem era a mulher? - perguntou outra vez.

Augusto bateu a mão na mesa.

O som ecoou pela sala.

- Esse assunto está encerrado.

Foi aí que Sara, a criada, entrou para servir o próximo prato.

Trazia a travessa com cuidado, os olhos baixos, até parar atrás de Helena.

Então aconteceu uma coisa mínima.

Tão mínima que talvez ninguém mais percebesse.

A mão de Sara encostou de leve no ombro de Helena ao se inclinar.

Não como acidente.

Como aviso.

Helena virou o rosto um centímetro.

Sara não a encarou. Apenas depositou, junto ao prato limpo, um pequeno pedaço de papel dobrado sob a borda do garfo.

E saiu.

A conversa à mesa retomou num esforço ridículo de normalidade. Augusto começou a falar sobre uma reunião na semana seguinte. Teresa concordou com alguma coisa. Constança voltou a parecer serena. O teatro recomeçava.

Mas Helena já não ouvia quase nada.

Esperou alguns segundos. Depois puxou o guardanapo como se ajustasse o colo e, por baixo da mesa, abriu o bilhete com uma só mão.

Havia apenas uma frase, escrita às pressas:

Se quer continuar viva, não pergunte por Evelina diante de Constança.

Helena ergueu os olhos devagar.

Do outro lado da mesa, Lorenzo a observava.

E sorriu como quem já sabia exatamente o que estava escrito.
